



Templo Romano, em Évora, no Alentejo

Fotos: Jorge Marques/Especial para o Correio

Sinal de alerta

Apesar dos muitos motivos para comemorar o ótimo desempenho da produção e das exportações de vinho neste ano, as empresas acenderam o sinal de alerta diante dos eventos extremos provocados pelas mudanças climáticas. O enólogo Pedro Baptista, da Cartuxa, destaca que o aquecimento global já provoca efeitos no ciclo de vida das plantações de uvas. Tem sido frequente o amadurecimento mais rápido de determinadas castas, exigindo atenção redobrada para que os frutos não se percam, assim como quando há excesso de chuvas, que levam ao apodrecimento.

“Temos investido cada vez mais em soluções para lidar com as questões climáticas. Esse será nosso maior desafio daqui por diante”, admite Baptista, que, desde criança, sonhava em trabalhar na área agrícola. “Só não pensava que seguiria para a produção de vinhos. Agora, não me vejo fazendo outra coisa”, complementa ele, que entrou na Cartuxa em 1997 como técnico agrícola e, em 2004, tornou-se o responsável por todos os produtos da vinícola. São o paladar aguçado dele e a capacidade de saber tirar o melhor de cada uva que mantêm a qualidade do que é oferecido aos consumidores.

Baptista frisa que a preocupação com o meio ambiente e a escassez de água — o Alentejo é uma região muito seca — levaram a Cartuxa a ser a primeira vinícola de Portugal a adotar o



Degustação de vinhos por um grupo de brasileiros na Adega Cartuxa

sistema de rega em conta-gotas, ainda no início dos anos 1990. Foi uma economia e tanto. E, dos mais de 170 hectares de vinhas e oliveiras da Fundação, quase 180 já têm produção biológica, dentro dos padrões mais recomendados. Para se manter nessa direção e avançar em pesquisas e desenvolvimento tecnológico, a companhia investe, em média, 6 milhões de euros (R\$ 33 milhões) por ano, praticamente todo o valor do que exporta atualmente para o Brasil.

A preocupação ambiental encontra respaldo nos consumidores, que, frequentemente, vêm

indagando as empresas sobre suas técnicas de produção. Não se trata ainda de um movimento disseminado, mas que tende a ganhar corpo à medida que as intempéries advindas dos gases de efeito estufa provocarem estragos maiores. Outro questionamento importante tem a ver com a elevada presença de álcool nos vinhos. Há uma tendência de se produzir bebidas com menos teor alcoólico. “É preciso ter equilíbrio. O percentual de álcool não pode comprometer a qualidade dos vinhos”, recomenda o enólogo.